



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10884 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 15 - Psicologia da Educação

AFETIVIDADE NO PROCESSO DO ENSINO E APRENDIZAGEM: REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Cleoni Maria Barboza Fernandes - IFSUL - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO GRANDENSE

Gláé Corrêa Machado - PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não conta com financiamento

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a afetividade no processo de ensino e aprendizagem, destacando as influências do processo afetivo no desenvolvimento infantil. Entende-se que, uma criança saudável não é apenas aquela que tem o corpo nutrido e limpo, não que isso não seja importante, mas precisamos pensar naquela que precisa desenvolver a afetividade de forma recíproca no ambiente escolar. O afeto poderá estar associado a uma série de manifestações humanas, onde oferecer conforto e segurança para a criança também significa uma forte interação emocional. Considera-se a afetividade como um fator importante na relação entre professor e aluno, e, desta forma, a afetividade poderá ocupar o espaço escolar, pois acredita-se que a escola seja um lugar privilegiado para o desenvolvimento das relações afetivas e que estas possuem substancial valor pedagógico para o processo de ensino e aprendizagem.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e exploratória, que segundo Gil (2019), tem a finalidade de proporcionar maior familiaridade com o problema. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos do assunto ou fenômeno estudado. A pesquisa foi organizada da seguinte forma:

a) Pesquisa bibliográfica;

b) Análise documental: de Projetos Políticos Pedagógicos, de portfólios, pareceres avaliativos, assim como de planejamentos dos professores das escolas envolvidas em nossas práticas cotidianas.;

c) Observações: feitas no ambiente escolar como um todo.

Segundo Piaget (1962) dois aspectos devem ser considerados como essenciais ao desenvolvimento do ser humano: o cognitivo e o afetivo. Para ele o afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções e se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência, sendo difícil observar um comportamento apenas afetivo, sem nenhum elemento cognitivo e vice-versa. A afetividade é tão importante quanto a inteligência, elas estão em uma relação inseparável na evolução dos seres humanos e embora tenham funções bem definidas e diferenciadas entre si, são interdependentes em seu desenvolvimento, permitindo à criança atingir níveis cada vez mais elevados na sua evolução. O afeto acelera a formação das estruturas, no caso de interesse e necessidades, e retarda quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual.

Os estudos de Piaget admitem que as desregulações de caráter afetivo podem obstruir o funcionamento da atividade cognitiva. Ao voltar à normalidade afetiva, podem ainda restar os prejuízos cognitivos. Por fim, Piaget (2004, p. 34) afirma que “nunca há ação puramente intelectual, assim como também não há atos que sejam puramente afetivos”.

Existe, com efeito, um paralelo constante entre a vida afetiva e a intelectual. [...] Veremos que esse paralelismo se seguirá no curso de todo o desenvolvimento da infância e da adolescência. Tal constatação só surpreende quando se reparte, de acordo com o senso comum, a vida do espírito em dois compartimentos estanques: a dos sentimentos e a do pensamento. Mas nada é mais falso e superficial. [...] A afetividade e a inteligência são, assim, indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda a conduta humana. (2004, p.22)

A construção da identidade das crianças está relacionada as funções cognitivas e também afetivas, que são interdependentes, sobre isso, Piaget (1994) afirma que “o pleno desenvolvimento da personalidade, sob seus aspectos mais intelectuais, é inseparável do conjunto dos relacionamentos afetivos, sociais e morais que constituem a vida da escola” (p.61).

A afetividade, a princípio centrada nos complexos familiares, amplia sua escala à proporção da multiplicação das relações sociais, e os sentimentos morais [...] evoluem no sentido de um respeito mútuo e de sua reciprocidade, cujos efeitos de descentração em nossa sociedade são mais profundos e duráveis (PIAGET; INHELDER, 1990, p. 109).

A afetividade no ambiente escolar traz para a educação uma convivência heterogênea em ideias, crenças e valores, desta forma, esse ambiente promove aprendizagens mais significativas, sendo assim, a afetividade torna-se um dos fatores preponderantes no processo de relacionamento do estudante consigo mesmo e com os outros, contudo, isso ocorre a partir de um caráter cognitivo já estabelecido, ou seja, ele consegue gerir uma exigência racional nas relações afetivas.

Normalmente é uma fase marcada por muitos questionamentos, fortes exigências, novas experiências e constantes preocupações. Diante de tantas alterações sociais e emocionais, muitas vezes não conseguindo conter ou canalizar tanta energia, iniciam-se os confrontos com pais, professores e até com colegas. Segundo Galvão (1995, p. 34) “o desenvolvimento da criança é marcado por muitos conflitos, que são próprios do ser humano, alguns são importantes para o crescimento, outros provocam muito desgaste e transtornos emocionais”. Sendo assim, a escola precisa criar um ambiente mais estimulante e afetivo que possibilite a esse estudante enxergar-se nesse processo, por esse motivo, a mediação do professor irá ajudar o aluno a dar sentido as suas ações.

Quando se fala em proporcionar uma relação professor-aluno baseada no afeto, de forma alguma, se pode confundir aqui afeto com permissividade. A ação do professor deve impor limites e possibilidades aos alunos, fazendo com que estes percebam o professor como alguém que, além de mediar a construção dos conhecimentos e preocupar-se com a apropriação dos mesmos, compromete-se com a ação que realiza, percebendo o aluno como um ser importante, dotado de ideias, sentimentos, emoções e expressões.

Muitos professores buscam adequar sua prática pedagógica à teoria Walloniana desenvolvendo suas atividades pedagógicas a partir da expressividade, da emoção e do pensamento criativo, o que qualifica o trabalho docente, pois “a afetividade e a inteligência são inseparáveis, uma vez que uma complementa a outra” (WALLON, 1995, p. 42), o que motiva os professores a organizar o ambiente socioafetivo, adotando atitudes afetivas, além de procedimentos de cuidado com a segurança e proteção das crianças na instituição escolar, estimulando atitudes que valorizam o bem-estar do aluno na sala de aula.

A aproximação do professor com o aluno mediado pela afetividade é fundamental para o seu desenvolvimento, o que segundo Vygotsky se beneficia do conceito de zona de desenvolvimento proximal, que significa “o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VYGOTSKY, 1984, p. 97). Pesquisas educacionais apontam para a necessidade das instituições educacionais incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, essas novas funções devem estar associadas a padrões de qualidade do ensino e a concepções que consideram as crianças nos seus contextos sociais, ambientais e culturais. Dessa forma, as instituições de educação infantil, precisam oferecer às crianças condições de aprendizagens que ocorram através de brincadeiras, assim como situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos, pois conforme verificamos no RCNEI (1998, p. 23):

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social.

Com esse enfoque a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, contribuindo para a formação de crianças felizes e saudáveis. Contemplar o cuidado na esfera da educação infantil significa compreendê-lo como parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica, ou seja, cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas (RCNEI, 1998, p. 24).

O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados que envolvem a dimensão afetiva, quanto dos aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados. Embora as necessidades humanas básicas sejam comuns, como alimentar-se, proteger-se etc., as formas de identificá-las, valorizá-las e atendê-las são construídas socialmente, as necessidades básicas podem ser modificadas e acrescidas de outras de acordo com o contexto sociocultural. Pode-se dizer que além daquelas que preservam a vida orgânica, as necessidades afetivas são também base para o desenvolvimento infantil. A identificação dessas necessidades sentidas e expressas pelas crianças dependem também da compreensão que o adulto tem das várias formas de comunicação que elas conseguem manifestar. O cuidado, precisa considerar principalmente as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em consideração as diferentes realidades socioculturais (RCNEI, 1998, p. 23).

Ao analisar as bibliografias pesquisadas, observa-se que elas apontam que a escola pode ser considerada como um dos espaços essencialmente propícios para o desenvolvimento da afetividade, e talvez único, capaz de desenvolver e elevar o aluno para a construção do conhecimento. Para que a afetividade permeie na vida da criança, se faz necessário que escola e família estejam juntas para desenvolver e fortalecer cada vez mais os laços afetivos entre ambas, assim refletindo no desenvolvimento da criança. As contribuições da afetividade, são importantes até mesmo para preparar crianças mais educadas e responsáveis pelos seus atos em sociedade. Partindo desse pressuposto, a afetividade pode ser vista como condição sine qua non na relação professor e aluno e também no processo de ensino e da aprendizagem em sala de aula. Isto inclui interessar-se sobre o desenvolvimento infantil, o que as crianças sabem sobre si e sobre o mundo, visando à ampliação deste conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a tornarão mais independente e mais autônoma.

As teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget, afirmam que não se pode separar afetividade e cognição, e que a afetividade é vital para o desenvolvimento de qualquer ser humano, em

qualquer idade, sobretudo no desenvolvimento infantil (LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 1992). Assim, a ausência de afetividade pode trazer sérias consequências as crianças, tais como: o desinteresse, a baixa autoestima, a raiva, evasão escolar, dentre outros, fato este que pode ser revertido se há criação de um espaço onde os alunos se sintam seguros, acolhidos e protegidos mediante afetividade. Dessa forma, no cotidiano escolar, principalmente na sala de aula, o professor que planeja uma aula permeada pela afetividade, causa uma aproximação na relação professor-aluno.

A afetividade no processo educativo é importante para que a criança manipule a realidade e estimule a função simbólica. A afetividade está ligada à autoestima e as forças de relacionamento aluno e aluno e aluno-professor. Um professor que não seja afetivo com seus alunos fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade. (COSTA; SOUZA, 2006, p. 12)

Ao finalizar as reflexões, acredita-se que os objetivos do estudo foram alcançados na compreensão da importância da afetividade nos processos de aprendizagem, além de evidenciar que um ambiente socioafetivo positivo faz a diferença para o desenvolvimento infantil. Destaca que o envolvimento da comunidade escolar nesse processo é algo também considerável para o êxito do processo ensino e aprendizagem, pois na interação professor-aluno, comportamentos afetivos estabelecem uma relação de segurança, respeito, e empatia, bem como, propiciam o processo de socialização dos estudantes dentro e fora da sala de aula e potencializam o rendimento escolar destes. Logo, a escola precisa ser vista como um lugar onde a estimulação afetiva é necessária e possível de ser praticada, portanto, espera-se que o estudo possa ser um elemento de reflexão para profissionais da educação que ainda não consideram a afetividade como uma prática pedagógica importante para o ensino e aprendizagem e assim reafirma-se que um ambiente escolar socioafetivo traz resultado positivo para o trabalho do professor e aluno como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Desenvolvimento infantil. Relação professor-aluno.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, 3 vol. 1/2/3.

COSTA, Keyla Soares da; SOUZA, Keila Melo de. **O Aspecto socioafetivo no processo ensino-aprendizagem na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon**. Disponível em:

<http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=299:o-aspecto-socio-afetivo-no-processo-ensino-aprendizagem-na-visao-de-piaget-vygotsky-e-wallon&catid=4:educacao&Itemid=15>. Acesso em: 10 maio 2021.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção Dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M. K; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 14 ed. São Paulo: Summus, 1992.

PIAGET, J. The relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child. [transl. by Pitsa Hartocollis]. In: **Bulletin of the Menninger clinic** 1962, vol. 26, n. 3. Three lectures presented as a series to the Menninger school of psychiatry March, 6, 13 and 22, 1961. Publicação original em língua inglesa, 1962. Tradução da obra: Magda Medeiros Schu. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/afetividade-e-inteligencia/>>. Acesso em: 18 maio 2022.

_____. **Para onde vai a Educação?** São Paulo: Editora Vozes, 1994.

_____. **Seis Estudos de Psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A Psicologia da Criança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. **A afetividade na relação educativa**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yHSYRVgtXbrdFnBhw5BVsrC/?lang=pt.>>. Acesso em: 07 jan. 2022.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, Henri. **Evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.